

Quem será o funcionário público do futuro?

Em 28 de outubro é comemorado o Dia do Funcionário Público, data instituída no governo do presidente Getúlio Vargas em 1937. Nestes anos, muitas transformações e avanços aconteceram, mas a realidade que temos hoje é uma das que mais preocupa o futuro da categoria.



PAULO RICARDO A. DE CAMPOS VELHO

Engenheiro e presidente da Sociedade dos Técnicos Universitários do Daer

Argumentos diversos circulam afirmando que o Brasil tem muitos funcionários públicos, que são profissionais que não trabalham, que criam cabides de empregos, que oneram o custo da máquina pública. Mas é importante pensar a que servem estes discursos todos. Se os serviços públicos forem sucateados, fica simples dizer que a culpa é do funcionalismo, não é mesmo?

Há outra inverdade com relação aos “altos” salários médios pagos aos servidores em relação aos pagamentos dos trabalhadores em geral. A comparação é descaída porque as funções básicas compostas por operários, auxiliares gerais e equipes de limpeza, praticamente inexistem no serviço público, pois são terceirizados. Assim, são comparadas coisas diferentes. A maior parte do serviço público é formada por profissionais mais qualificados com formação técnica ou superior.

Estamos no meio de uma pandemia, em que o Sistema Único de Saúde, um serviço público, administrou com maestria os casos relacionados ao coronavírus em solo gaúcho. Um trabalho exaustivo que contou com pessoas capacitadas que doaram muito de si pelo bem da maioria.

Precisamos nos mobilizar para que a missão do “servir” à sociedade seja mantida logo ali na frente

O Brasil é um dos países que menos tem funcionários públicos, em comparação com o total de trabalhadores, ficando atrás de quase todos os países europeus, que têm em média entre 10% a 15% do total de empregados no serviço público. Dados de 2017 apontam que cerca de 12,1% da população brasileira ocupada trabalhava no setor público. Este percentual equivale a dois terços dos 18% de média das nações da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e também em relação a países como os EUA (15,2%) e Reino Unido (16,4%).

As políticas governamentais dos últimos anos têm suprimido os direitos dos servidores. É um desafio se manter no serviço público, pois existem poucas perspectivas futuras. A tendência é a função estagnar, ficar sem vantagens, o que a médio e longo prazo terá reflexos na prestação de serviços às comunidades e um número menor ainda de servidores. A impressão que temos é que os governos fazem de tudo para que essas funções não sejam mais atrativas. Exemplos passam pelas mudanças previdenciárias do Estado e suas contribuições que seguem mesmo após a aposentadoria. Ou ainda pelo congelamento dos salários dos servidores, que no caso do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (Daer), já somam seis anos e que irão mais longe ainda devido aos reflexos da pandemia.

O dia do funcionário público é um momento de reflexão, pois precisamos nos mobilizar para que a missão do “servir” à sociedade seja mantida logo ali na frente.

#leitordsm

Envie sua foto de Santa Maria e região para leitor@diariosm.com.br ou use a hashtag #leitordsm no Instagram



Um incrível registro do arco-íris que coloriu o céu de Santa Maria na tarde de segunda-feira. A foto é da leitora Lauren Zanini.

Aulas presenciais só o ano que vem!

Em algum lugar do planeta Terra um professor olha no relógio, está no horário de entrar no “Meet”, para começar a aula. Internet oscila, filho corre pela sala fazendo sons, cachorro late, o gato resolve fazer de cama o teclado do computador. Para onde este ser foge? Pode fugir? Não! Não pode, a sala da casa, virou sala de aula. Tudo junto e misturado. Quando enfim, a aula começa, o professor sente-se sozinho, pois os alunos não abrem suas câmeras, não respondem as perguntas. Que tempos sombrios vivemos! Falas e relatos comuns de professores(as), que estão vivendo e convivendo no dia a dia essa situação. Outra questão recorrente, é a falta de tecnologia adequada para aulas “ao vivo”, fazendo com que docentes sofram com a pressão imposta.

Sala de aula e afazeres da casa começaram a coexistir desde março de 2020, quando as aulas presenciais foram suspensas devido a Pandemia pela Covid-19. O trabalho acabou se ampliado com a Pandemia, a Escola que antes fazia parte de 8 horas diárias (para muitos 12h), passou a estar na rotina diária de forma integral. Mães e pais dividem-se entre casa, filhos, companheiros (a) e atividades laborais e nesse contexto muitas pessoas têm sua saúde sendo ceifada pelo estresse e pressão imposta por governantes e mantenedores, além do próprio temor a um vírus desconhecido que age de forma distinta em cada organismo.

Não está fácil para ninguém, mas voltar às aulas nesse momento é uma boa ideia? Penso que não. Apresento os pontos que embasam minha afirmação: 1) escolas e universidades não têm infraestrutura e recursos humanos para se adequarem à nova realidade, se voltarmos vai ser uma faz de

conta que se higieniza os locais; um faz de conta que todos usam EPIs; fotos haverá bastante, mas prevenção será menos que o necessário; 2) Crianças, adolescentes e adultos há meses em isolamento, ao se reencontrarem vão querer estar perto, as crianças vão querer trocar os brinquedos, abraçar, tocar e interagir e sem isso a escola se transforma em um lugar sem sentido; por que senão podem brincar e interagir com o colega, o que vão fazer na escola? Só decorar conteúdo? 3) O grande número de professores no grupo de risco é uma realidade; então como vai funcionar? Algumas aulas continuarão remotas e outras presenciais, gerando o caos na organização dos alunos.

Começamos em março a trabalhar em homeschooling, foi difícil a adaptação tanto para alunos, quanto para os professores, foi um processo até doloroso, mas conseguimos nos organizar. Agora era o momento de deixar o ano fluir nesse compasso, e começar a pensar o que fazer no ano que vem, para suprir as carências deixadas por este ano atípico. Organizar o próximo ano, em vez de investir dinheiro hoje para uma volta desnecessária, apressada e inconsequente, visto que o vírus está ativo e matando muitas pessoas.

Investir no ano que vem, fazendo da educação de crianças, adolescentes e adultos realmente prioridade, valorizando os professores e professoras que se reinventam todos os dias para fazer o seu melhor, superando o descaso, desrespeito e desvalorização que há décadas vem castigando essa tão nobre e essencial profissão. Aí o dito popular que diz que há males que vêm para o bem, seria verdadeiro e real. Aulas presenciais só o ano que vem!



MARIA APARECIDA AZZOLIN
Doutora em Educação, professora e psicanalista



Envie artigos de até 2.600 caracteres (com espaços) para o e-mail leitor@diariosm.com.br contendo nome completo, RG, profissão, telefone de contato e uma foto sua. Os textos são selecionados e podem ser resumidos de acordo com o espaço. A opinião manifestada neste espaço não expressa necessariamente a opinião do jornal.